

TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NO BRASIL (1997-2011): UM ESTADO DO CONHECIMENTO

Maria Alice **Nogueira** – UFMG

Resumo

O trabalho apresenta resultados de um estado do conhecimento que tomou por objeto o conjunto de dissertações de mestrado e de teses de doutorado sobre a “relação família-escola”, defendidas de 1997 a 2011 nos Programas de Pós-Graduação brasileiros e cadastradas no banco de teses e dissertações mantido pela CAPES. A partir das fichas cadastrais e do resumo de cada um dos trabalhos (N=266), foi possível analisar algumas tendências predominantes, tais como: a evolução do número de trabalhos ao longo do tempo; sua distribuição por áreas de conhecimento, região do país, instituição de defesa e orientador/linha de pesquisa. Os trabalhos da área da Sociologia da Educação (N=88) mereceram um estudo específico, no qual se buscou identificar: tema; referenciais teóricos; procedimentos metodológicos; campo empírico; principais resultados. De posse desses dados, foi possível traçar um panorama global da produção científica brasileira contemporânea sobre a relação família-escola, no âmbito dos programas de pós-graduação, identificando suas principais tendências e lacunas, bem como resultados convergentes e divergentes.

Palavras-chave: relação família-escola; estado do conhecimento.

TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NO BRASIL (1997-2011): UM ESTADO DO CONHECIMENTO

1. Introdução

Não seria correto afirmar que a categoria “família” só recentemente surgiu na pesquisa sociológica em Educação, pois, ao menos no nível macroscópico de análise, a família já se fazia presente na literatura sociológica desde as décadas de 1950/60. O que constitui novidade hoje é o modo de tratamento que as novas gerações de sociólogos vêm a ela reservando.

Nos anos que se seguiram ao final da Segunda Guerra mundial, todo um conjunto de pesquisas empíricas foi desenvolvido nos principais países ocidentais industrializados, notadamente: o “Relatório Coleman” (Estados Unidos), a “Aritmética Política” (Inglaterra) e a “Demografia Escolar” (França), focalizando o meio familiar de origem como um poderoso fator explicativo das desigualdades de oportunidades escolares entre os educandos (FORQUIN, 1995). Tais pesquisas restringiam-se às características morfológicas do grupo familiar (a renda, o nível de instrução e a ocupação dos pais, o número de filhos, o lugar da criança na fratria etc.). Seus resultados indicavam que as vantagens econômicas tinham sobre o desempenho escolar um efeito menor do que aquele dos fatores socioculturais. Assim, certas famílias (ditas “educógenas”) foram consideradas mais capazes do que outras de incitar ao êxito escolar devido, por exemplo, a suas atitudes de valorização e interesse pelos estudos dos filhos.

Já nos anos 1970, cujo contexto teórico foi dominado pelo paradigma da “reprodução”, o papel da família ficou praticamente reduzido à transmissão - aos descendentes - de uma herança (material ou simbólica), a qual seria determinante para os resultados escolares do indivíduo, beneficiando assim os grupos socialmente favorecidos. Essas análises, de caráter macroscópico, também se eximiram da observação das condutas domésticas e dos processos cotidianos vividos pelas famílias e de seu papel na produção/manutenção das desigualdades escolares (TERRAIL, 1997; LAREAU, 1987).

Em suma, se, por um lado, as análises sociológicas realizadas até fins da década de 1970 não deixaram de reconhecer o papel da família na escolaridade dos indivíduos, por outro, elas promoveram sua diminuição ao deduzi-lo a partir da condição de classe do grupo familiar: o funcionamento interno das famílias – em suas relações com a escola – permanecia como uma caixa preta intocada.

No entanto, a partir dos anos 1980, graças a um movimento de reorientação de seus objetos e métodos investigativos, a Sociologia da Educação voltou seu olhar para as esferas microscópicas da realidade social, em particular para o estabelecimento de ensino, a sala de aula, o currículo, a família. É nesse contexto que surge um novo campo de estudos que se ocupa das trajetórias escolares dos jovens e das estratégias educativas utilizadas pelas famílias no decorrer dessas trajetórias.

A partir de então, os pesquisadores partirão em busca do conhecimento das “múltiplas e variadas” estratégias desenvolvidas pelas famílias contemporâneas no que

tange à escolarização dos filhos (HENRIOT-VAN ZANTEN & MIGEOT-ALVARADO, 1995). Algumas mais explícitas, como a escolha do estabelecimento de ensino ou das atividades extra-escolares; outras mais implícitas, como o acompanhamento estreito e cotidiano da escolaridade do filho, sendo essas últimas bem menos acessíveis ao pesquisador porque supõem um trabalho de observação direta do cotidiano de uma instituição como a família, ciosa da preservação de sua intimidade.

Além de mudanças internas ao pensamento sociológico no sentido de atribuir uma maior autonomia às condutas dos atores sociais em relação aos determinantes sociais, a emergência desse campo de estudos é fruto também de um novo contexto social, resultante de mudanças tanto no seio da família, quanto no âmbito dos processos escolares. O aspecto mais visível desse novo contexto - e talvez o mais importante - consiste na intensificação dos laços que unem essas duas instâncias de socialização, cujas esferas de atuação passaram a se intersectar, com a escola reconhecendo cada vez mais na família um parceiro importante para a realização de sua tarefa educativa, e com a família cada vez mais disposta a compartilhar com a escola o trabalho de formação intelectual de seus filhos.

Em função desse novo contexto, assiste-se hoje a uma proliferação, tanto na Europa como na América do Norte, de trabalhos sobre o papel do grupo familiar - com sua morfologia e dinâmica próprias, segundo os diferentes meios sociais - na vida e nos destinos escolares dos indivíduos. Também no Brasil, esses estudos vêm ganhando impulso e desempenhando um papel significativo na produção e difusão desse novo subcampo da Sociologia da Educação (cf. NOGUEIRA, ROMANELLI e ZAGO, 2000; ROMANELLI, NOGUEIRA e ZAGO, 2013).

Já era hora, pois, de começarmos a investigar os contornos e as condições da recente produção brasileira: que objetos têm sido privilegiados? Quais as perspectivas analíticas e os procedimentos metodológicos adotados? Quem são os autores de referência? Quais os lócus privilegiados desse trabalho? Entre outras questões.

Foi no intuito de tentar responder a essas questões que iniciamos, em 2009, um estudo (em andamento) em forma de balanço teórico do conjunto de dissertações de mestrado e de teses de doutorado sobre a questão, defendidas nos Programas de Pós-Graduação brasileiros e cadastradas no banco de teses e dissertações mantido pela CAPES. Guiou-nos o propósito de contribuir para um ordenamento dos saberes existentes nessa área do conhecimento, identificando os aportes, resultados, contradições e lacunas das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas entre nós.

Trata-se de um estudo de caráter documental, bibliográfico e descritivo, que corresponde às características de um “estado do conhecimento”, segundo a classificação de Romanowski e Ens (2006). Para essas autoras, a denominação “estado da arte” é mais apropriada quando o estudo abrange a produção de conhecimento em uma determinada área, focalizando os diversos tipos de publicações disponíveis, como teses e dissertações, trabalhos apresentados em congressos, livros, artigos em periódicos científicos, etc. Já os estudos – como este - que abordam um único setor das publicações sobre um tema seriam denominados mais adequadamente como “estado do conhecimento”.

Cabe ressaltar que, ao iniciarmos o trabalho de pesquisa, não localizamos nenhum estado da arte ou do conhecimento anteriormente realizado no Brasil a respeito da relação família-escola. Entretanto, durante o desenvolvimento do estudo tomamos contato com as produções de Almeida (2010), de Santos e Rocha (2010) e de Dias (2009). Ainda assim, em nenhum dos três casos se tratava de trabalho na perspectiva da sociologia da educação, como era o nosso propósito.

2. Procedimentos metodológicos

O primeiro passo da pesquisa consistiu em um levantamento bibliográfico geral - via internet - dos diferentes gêneros da produção brasileira sobre a relação família-escola: livros, artigos científicos, trabalhos em congressos, teses e dissertações, com o objetivo de subsidiar a decisão sobre o tipo de produção a ser focalizado. Esse contato geral com a bibliografia brasileira revelou uma produção em crescimento, mas ainda pouco numerosa, especialmente no que se refere a livros e artigos em periódicos. Diante desse cenário, tomou-se a decisão de investigar a produção do conhecimento sobre a temática realizada nos programas de pós-graduação brasileiros que, além de mais significativa numericamente, supõe-se que esteja na origem de boa parte dos livros e artigos científicos sobre o tema.

A base documental principal do estudo foi o Banco de Teses e Dissertações da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior¹, em razão de sua abrangência. Esse Banco disponibiliza dados sobre teses e dissertações produzidas em todo o Brasil a partir de 1987. Ao iniciarmos a pesquisa, em 2009, o Banco CAPES apresentava teses e dissertações defendidas até o ano de 2007. Assim, delimitamos um

¹ O Banco de Teses e Dissertações da CAPES está disponível no endereço <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>.

recorte temporal de dez anos, focalizando trabalhos defendidos entre 1997 e 2007. Porém, em uma segunda etapa de nossa investigação, já em 2013, verificando que estavam disponíveis no Banco os resumos de trabalhos defendidos até o ano de 2011, decidimos estender a pesquisa até eles. Dessa forma, foram mapeadas as teses e dissertações do período compreendido entre 1997 e 2011.

Para realizar esse mapeamento, utilizamos ferramenta disponibilizada pelo Banco CAPES, procedendo à busca por assunto/ano base com o uso dos seguintes descritores: *escola família*; *escolar familiar*; *prática educativa familiar*.

A partir daí, iniciou-se a primeira etapa da pesquisa propriamente dita, com o levantamento de todas as teses e dissertações de cada ano do período 1997-2011, o que resultou em uma lista de trabalhos das mais diferentes áreas do conhecimento.

Em seguida, procedeu-se à seleção dos trabalhos que **efetivamente** abordavam a relação família-escola, o que foi feito por meio da leitura do título e, se necessário, do resumo e das palavras-chave constantes na ficha referente a cada obra. Para essa seleção, tornou-se importante definir qual a concepção de relação família-escola com a qual trabalharíamos. Com base no contato com a literatura sociológica na área, adotamos a concepção proposta por Silva (2002), para quem a relação família-escola inclui todo tipo de ligação e de interações entre atores familiares e escolares, admitindo “um *continuum* que vai desde a cooperação ao conflito” (SILVA, 2002, p.101). Sendo assim, na análise dos títulos, resumos e palavras-chave, consideramos que abordavam a relação família-escola os trabalhos que focalizavam a influência/ação de uma instância sobre a outra, as interações entre elas (colaboração x tensões) ou as representações de uma sobre a outra.

Chegamos, por meio dessa seleção, a um conjunto de 266 trabalhos, os quais foram organizados por ano de defesa, em planilhas contendo os seguintes dados: ano; tipo (dissertação de mestrado, tese de doutorado, mestrado profissional); título; programa/universidade; área de conhecimento; orientador; palavras-chave.

Esse procedimento evidenciou que a área de conhecimento existente nas fichas do Banco CAPES nem sempre é precisa. Em especial, há um grande número de trabalhos classificados como da área de “Educação”, a qual é por demais abrangente, podendo incluir estudos vinculados à Psicologia da Educação, à Sociologia da Educação, à Filosofia da Educação, à Política, à Didática, dentre outros. Sendo assim, uma outra etapa do trabalho consistiu na classificação dos trabalhos por área de conhecimento, a qual levou em conta a área identificada na ficha do Banco CAPES, mas

não se limitou a ela, considerando também o título do trabalho, as palavras-chave e o resumo. Em alguns casos, em que persistiram dúvidas, recorreu-se, para esse fim, ao nome do orientador e a seu currículo Lattes.

A partir desses primeiros resultados, foi possível analisar algumas tendências predominantes na produção dos programas de pós-graduação brasileiros sobre a relação família-escola, com ênfase nos seguintes aspectos:

- evolução do número de trabalhos, por nível (mestrado e doutorado), ao longo dos quatorze anos contemplados na pesquisa;
- distribuição dos trabalhos por áreas de conhecimento;
- distribuição dos trabalhos por instituição e por região do país;
- distribuição dos trabalhos por orientador/grupos de pesquisa.

Porém, como já explicitado anteriormente, a presente pesquisa se interessa, de modo particular, pelos trabalhos vinculados à Sociologia da Educação. Por isso, a etapa seguinte da investigação consistiu na seleção das teses e dissertações ligadas a essa área de conhecimento (N=88), as quais mereceram um estudo específico, no qual foram lidos e analisados sistematicamente todos os resumos, buscando-se identificar, para cada trabalho, principalmente os seguintes elementos: ano; nível; título; universidade; orientador; tema; referenciais teóricos; procedimentos metodológicos utilizados ; nível de ensino investigado (educação infantil, fundamental 1, fundamental 2, ensino médio, ensino superior); campo empírico (se o trabalho contempla famílias e/ou escolas e qual o número de unidades/sujeitos investigados; nível socioeconômico do público investigado); principais resultados encontrados. De posse desses dados, foi possível traçar um panorama global da produção científica brasileira contemporânea no campo da sociologia das relações família-escola, no âmbito dos programas de pós-graduação, identificando suas principais tendências e lacunas, bem como resultados convergentes e divergentes.

A próxima e última fase da pesquisa consistirá em um aprofundamento desses resultados, com a seleção de alguns trabalhos para leitura completa e análise detalhada. Essa seleção será feita considerando os resultados da etapa anterior, ou seja, procurando contemplar trabalhos representativos das diversas tendências identificadas.

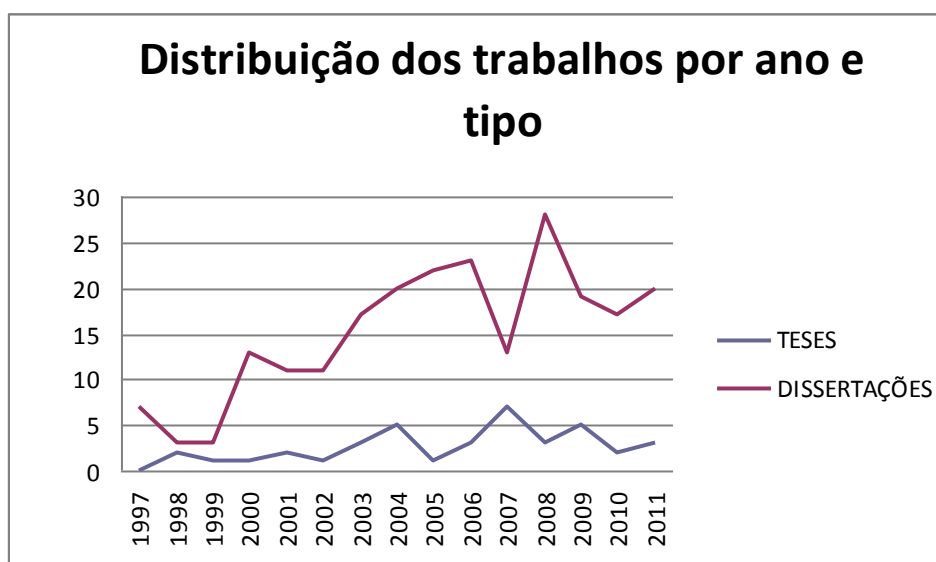
3. Resultados

3.1 – Trabalhos de diferentes áreas de conhecimento

Conforme apontado anteriormente, identificamos, no período analisado (1997-2011), um total de 266 trabalhos que abordavam diretamente a relação família-escola, a partir de diferentes áreas de conhecimento. O Gráfico 1 apresenta a distribuição desses trabalhos por ano e por tipo (teses de doutorado e dissertações de mestrado). Constatase o maior número de dissertações de mestrado (227 no total) face às teses de doutorado (39 ao todo), o que é esperado considerando a estrutura dos programas de pós-graduação. Mais importante é observar que nos dois casos há, ao longo do período, uma inclinação ascendente da curva indicativa do número de produções, com destaque para o biênio 2007-2008: 2007 foi o ano com maior número de teses de doutorado defendidas ($n = 7$) e em 2008 houve a maior produção de dissertações de mestrado ($n = 28$) dentro do período analisado.²

Gráfico 1

² As análises aqui apresentadas estão sujeitas às limitações do banco de dados utilizado. Por exemplo, os valores menores tanto do início quanto do final da série podem se dever a resumos não enviados pelos autores. No primeiro caso, pelo fato do Banco se encontrar em seus primórdios e, no segundo caso, em razão da proximidade temporal entre o momento da coleta de dados e o ano de defesa.



Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

Considerando que nosso interesse se concentra nos estudos que abordam a relação família-escola na perspectiva da sociologia, fez-se necessária uma distinção dos trabalhos por área de conhecimento. Em que pese a dificuldade de se fazer – a partir de resumos – uma distinção fina entre as perspectivas analíticas dos trabalhos, procuramos, utilizando os dados disponíveis, identificar a abordagem preponderante em cada estudo, chegando, ao final do processo, a um quadro bastante diversificado de áreas e subáreas, sintetizado na Tabela 1.

Ressalta-se, na análise dessa Tabela, a nítida preponderância dos campos da Psicologia e da Sociologia em relação aos demais. No caso da Psicologia, pode-se levantar a hipótese de que esse campo seja mais inclinado a tomar a família como objeto de estudo. Já no caso da Sociologia, embora a família não seja, tradicionalmente, uma de suas categorias centrais de estudo – ao menos no caso da Sociologia da Educação –, assiste-se, nas últimas décadas, a uma clara expansão do campo que vem sendo conhecido como “Sociologia das Relações Família-Escola” (NOGUEIRA, ROMANELLI e ZAGO, 2000).

Tabela 1

Distribuição dos trabalhos por área/subárea e por tipo					
ÁREAS DE CONHECIMENTO		TOTAL TESES	TOTAL DISSER.	TOTAL DA SUBÁREA	TOTAL DA ÁREA
PSICOLOGIA	Psicologia	8	57	65	
	Educação Especial	4	26	30	100
	Psicologia Social	1	4	5	
SOCIOLOGIA		15	73	88	88
EDUCAÇÃO	Educação Infantil	1	12	13	
	Educação e Linguagem	0	12	12	
	Educação do Campo	2	4	6	
	Estudos Culturais	1	5	6	45
	Educação Matemática	1	4	5	
	Avaliação Educacional	0	2	2	
	Educação e Trabalho	0	1	1	
OUTRAS CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIAIS	Política	1	11	12	
	Antropologia	1	2	3	
	Administração/Economia da Educação	0	3	3	21
	Serviço Social	1	2	3	
SEM IDENTIFICAÇÃO DE ÁREA		2	9	11	11
ESTADO DA ARTE		1	0	1	1
TOTAL		39	227	266	266

Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

Ao analisar a distribuição dos trabalhos por instituição (conforme Tabela 2), duas instituições se destacam isoladamente: a UFMG (com um total de 22 trabalhos) e a PUC-SP (n = 20). Em termos regionais, observa-se uma clara preponderância de instituições da região Sudeste. Outro dado que se ressalta na análise da tabela é a dispersão da produção entre um grande número de Universidades, com pequena quantidade de trabalhos em cada uma.

Tabela 2
Distribuição dos trabalhos por instituição

Universidades (siglas)	Número de trabalhos por Universidade
UFMG, PUC-SP	20 ou mais
USP/Ribeirão Preto, UFSCAR, FURB	10 a 13
USP, PUC-RS, PUC-Rio, UNICAMP, UNESP, UFF, UCSAL, UFRJ	7 a 9
PUC-Campinas, UFRGS, UFRRJ, UFSC, MACKENZIE, UCB, UnB, ESTÁCIO, UFPE, UMESP	4 a 6
Outras Universidades (n = 45)	1 a 3

Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

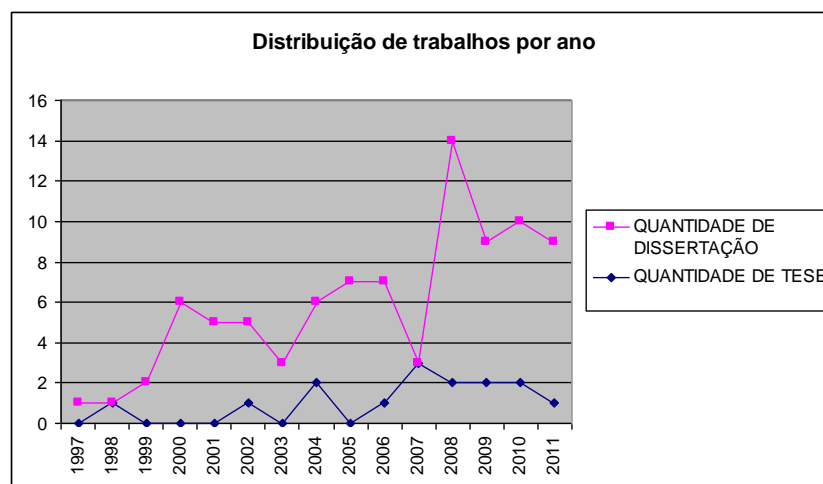
3.2 – Trabalhos na perspectiva da Sociologia

Como consta na Tabela 1 acima, identificamos, dentre os 266 trabalhos sobre relação família-escola, um grupo de 88 situados numa perspectiva sociológica. Este subgrupo passou, então, a ser o foco principal de nossa pesquisa. Examinamos primeiramente as características gerais desse conjunto de trabalhos para, em seguida, analisar o conteúdo de cada um deles.

Com relação à distribuição desses 88 trabalhos por ano e por tipo (Gráfico 2), novamente se verificou o maior número de dissertações de mestrado (73), face ao total de teses de doutorado (15), no período analisado. Já no que tange à evolução ao longo do período, observou-se um contraste entre, por um lado, um ritmo reduzido de produção de teses de doutorado e, por outro lado, um expressivo aumento das dissertações de mestrado, com um ápice no ano de 2008.

Gráfico 2

Distribuição dos trabalhos por ano e por tipo - Sociologia



Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

No que se refere à distribuição dos trabalhos por instituição (Tabela 3), destaca-se isoladamente o número de trabalhos da UFMG, seguida, com diferença significativa, pela PUC-Rio e FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau). Nos casos da UFMG e da PUC-Rio, esse destaque deve ser relacionado à existência de dois grupos de pesquisa sobre o tema: respectivamente, o OSFE (Observatório Sociológico Família-Escola) e o SOCED (Grupo de Pesquisas em Sociologia da Educação).

Tabela 3
Distribuição dos trabalhos por instituição – Sociologia

Universidades (siglas)	Número de trabalhos por Universidade
UFMG	15
PUC-Rio e FURB	7
UFF e PUC-SP	6
UFRJ, UFSC	4
USP, UFJF, PUC-Minas, UFPE	3
USP/Ribeirão Preto, UNICAMP, UFSCAR, UFRRJ, UFMT, UCSAL, IUPERJ	2
Outras instituições (n = 13)	1

Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

Cruzando as informações dessa tabela com as referentes ao número de trabalhos por orientador (Tabela 4), constata-se a existência de um grupo de pesquisadores que

têm liderado a produção científica brasileira no campo da sociologia das relações família-escola e, ao lado disso, a presença de um número muito importante de trabalhos dispersos entre diversas instituições/orientadores.

Tabela 4
Número de trabalhos por orientador

ORIENTADOR	Número de trabalhos por orientador
Maria Alice Nogueira	12
Léa Paixão	6
Zaia Brandão	5
Nadir Zago	4
Gilson Pereira; Leila Mafra	3
Geraldo Romanelli; Isabel Lelis; Lucilia de Paula; Maria José Braga; Nora Krawczyk; Rita Marchi	2
Outros orientadores (n = 43)	1

Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

Em relação à abordagem teórico-metodológica desse corpus de 88 trabalhos, os resumos permitiram identificar o terreno empírico das pesquisas, a metodologia adotada e os principais referenciais teóricos utilizados.

Quanto ao terreno empírico, observou-se uma clara predominância de trabalhos que interrogaram tanto a escola quanto a família (68% dos trabalhos), em detrimento daqueles que se restringiram somente à família (27,5%) ou à escola (2,5%).

Constatou-se, também, a predominância de trabalhos que focalizaram as classes populares (52,5%), seguidos, com grande diferença, dos que investigaram classes médias, em suas diferentes frações (19,5%). Uma porcentagem ínfima de trabalhos (3,5%) enfocaram as elites econômicas e/ou culturais. Vale ressaltar que uma parte das teses e dissertações (12,5%) focalizou mais de um meio social e porcentagem equivalente dos resumos (12,5%) não permitiu identificar o meio social pesquisado.

Quanto ao nível de ensino focado (Tabela 5), houve certa dificuldade de identificá-lo, em razão: (i) do caráter vago da redação de muitos resumos (por exemplo,

21,6% dos trabalhos apontam apenas “educação básica”, sem especificar o nível de ensino dentro dela); (ii) da porcentagem significativa de resumos que não explicitaram o nível de ensino abordado. Mas, de toda forma, fica clara a predominância de estudos que investigaram a educação básica (no total, 70,5% dos trabalhos) e, dentro dela, o ensino fundamental (35,3% no mínimo, pois boa parte daqueles que mencionam “Educação Básica” provavelmente focalizem o ensino fundamental).

TABELA 5
Número de trabalhos por nível de ensino pesquisado

NÍVEL DE ENSINO	N	%
EDUCAÇÃO INFANTIL	2	2,3
FUNDAMENTAL I	17	19,3
FUNDAMENTAL II	7	8
FUNDAMENTAL I E/OU II	7	8
MÉDIO	10	11,4
EDUCAÇÃO BÁSICA (SEM ESPECIFICAÇÃO)	19	21,6
SUPERIOR	3	3,4
NÃO SE APLICA	11	12,5
NÃO IDENTIFICADO	12	13,5
TOTAL	88	100

Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

Com relação aos procedimentos metodológicos empregados nos 88 trabalhos, o grande destaque é para a entrevista, utilizada em 44% dos casos. Segue-se a observação, empregada em 15% dos estudos, e a aplicação de questionário/survey, mencionada em 14,5% dos trabalhos, além da análise documental (12,5%). Esses dados, combinados com os referentes ao número de famílias investigadas (Tabela 6 abaixo) indicam a

predominância de estudos qualitativos de caráter microssociológico, na sociologia das relações família-escola praticada atualmente no Brasil.

TABELA 6
Número de trabalhos por número de famílias pesquisadas

Nº de famílias	Nº de trabalhos	%
ATÉ 10	21	23,9
DE 11 A 20	8	9,1
DE 21 A 30	7	8
ACIMA DE 30	5	5,7
SEM IDENTIFICAÇÃO DO Nº DE FAMÍLIAS	25	28,4
NÃO SE APLICA*	22	25
TOTAL	88	100

* Inclui pesquisas que não tomaram as famílias como campo empírico (n = 12) e trabalhos cujo resumo não permitiu identificar se a família foi tomada como campo empírico (n = 10).
Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

No que tange aos referenciais teóricos utilizados nesse corpus de trabalhos, deparamo-nos igualmente com dificuldades de levantar as informações: grande parte dos resumos não informa esse aspecto, outros fazem menções dispersas a autores diversos, etc.. Optamos por identificar, de forma simples, a frequência com que os autores eram mencionados, ao invés de tentar caracterizar diferentes correntes teórico-metodológicas. O que se evidenciou, então, foi a clara predominância da literatura francesa: Pierre Bourdieu foi o autor mais citado nos resumos (28 menções), seguido de Bernard Lahire (15). Depois deles, Norbert Elias teve 4 menções e vários autores tiveram 3 ou 2 menções no conjunto de resumos, dentre eles outros franceses (Daniel Thin, François Dubet, Bernard Charlot, François de Singly, dentre outros) e alguns

brasileiros (Nogueira, Viana, Portes). Os únicos autores de língua inglesa citados mais de uma vez nos resumos foram Basil Bernstein (3 menções) e Anete Laureau (2 menções).

Coletadas as principais informações referentes à abordagem teórico-metodológica dos trabalhos, chegamos, finalmente, ao principal foco de nosso interesse: a identificação dos objetos de pesquisa abordados e dos principais resultados encontrados. A sociologia das relações família-escola, tal qual vem sendo desenvolvida nos países ocidentais, tem se estruturado em torno de alguns subtemas, os quais orientaram o levantamento dos objetos de pesquisa dos 88 trabalhos, bem como a formação posterior de agrupamentos considerando as afinidades temáticas. Dessa forma, definimos cinco agrupamentos, apresentados na tabela 8. Evidentemente, trata-se de uma divisão que tem objetivos analíticos, havendo fortes interseções entre os diferentes agrupamentos, as quais em muitos casos tornaram difícil o trabalho de classificação.

Tabela 8
Número de trabalhos por objeto de estudo

	OBJETO	N	N TOTAL	%
1	INFLUÊNCIA (Influência da família e da escola na trajetória/desempenho escolar)	26	36	41,0
	1.1 - Sucesso escolar improvável	10		
2	ESTRATÉGIAS (Estratégias / práticas educativas; internacionalização; migrações; dever de casa; pais-professores)	18	23	26,0
	2.1 – Escolha do estabelecimento	5		
3	CONCEPÇÕES (Modos de socialização familiar e escolarização dos filhos; significados atribuídos à escolarização; representações; expectativas e ambições)	11	11	12,5
4	INTERAÇÕES (Participação/contatos/aproximação/parceria escola-família)	11	11	12,5
5	POLÍTICAS PÚBLICAS E/OU AÇÕES INSTITUCIONAIS (Efeitos nas famílias)	7	7	8,0
TOTAL		88	88	100

Fonte: produção própria a partir de dados da pesquisa

Observa-se que o agrupamento mais numeroso ($n = 36$) é o de trabalhos que buscam investigar aspectos da influência da família e da escola na trajetória e/ou no desempenho escolar do estudante. Diversos deles lançam mão, para isso, de conceitos como habitus (BOURDIEU, 2001), diferentes capitais familiares (BOURDIEU, 2003), códigos (BERNSTEIN, 1996). Um subgrupo numericamente importante dedica-se a investigar casos de sucesso escolar improvável, em particular, trajetórias de sucesso nos meios populares. Aliás, o foco nas camadas populares é uma tônica nesse agrupamento (pelo menos 19 dos 36 trabalhos focalizam esse meio social). A análise dos resumos permite afirmar que esses trabalhos, em linhas gerais, confirmam a influência da família no desempenho/trajetória escolar dos filhos. As variações entre eles se referem mais aos fatores de influência analisados (capitais familiares, envolvimento parental, expectativas, estratégias, etc.). Observa-se aqui uma larga utilização da sociologia das relações família-escola na vertente francesa, parecendo haver, de um modo geral, uma reafirmação dos resultados dessa literatura, sem avanços significativos no sentido de ampliá-los ou questioná-los.

Um segundo agrupamento também bastante numeroso ($n = 23$) reúne estudos voltados para a investigação das estratégias e práticas das famílias no que tange à escolaridade dos filhos. Nele, o foco maior está na compreensão da estratégia ou prática educativa em si e não tanto em seus efeitos, ou seja, na influência específica que pode exercer sobre o desempenho, como no agrupamento anterior. Encontram-se aqui, por exemplo, trabalhos sobre a internacionalização dos estudos, sobre deslocamentos geográficos em função da escolarização, sobre o acompanhamento doméstico da escolaridade, sobre estratégias de pais-professores, etc. Um subgrupo que merece atenção é o de estudos sobre as estratégias familiares de escolha do estabelecimento de ensino para os filhos. Neste segundo agrupamento, cresce proporcionalmente o número de trabalhos focalizando as classes médias (pelo menos 9 em 23).

Continuando na sequência descendente conforme o número de trabalhos, dois agrupamentos apresentam a mesma quantidade de títulos ($n = 11$). O primeiro deles focaliza as concepções educacionais das famílias e sua relação com a escolaridade dos filhos. Em que pesem as interseções com as temáticas anteriores, o foco, aqui, está em temas como: modos de socialização familiar e escolarização dos filhos; significados atribuídos à escolarização; representações familiares; expectativas e ambições dos pais em relação à escolaridade dos filhos. Observa-se, novamente, uma grande preponderância de estudos envolvendo as camadas populares (pelo menos 8 em 11). Em

termos de resultados apresentados nos resumos, verifica-se uma tônica: a constatação de uma valorização da escola pelas famílias (atestada em pelo menos 7 dos 11 trabalhos), em muitos casos por razões instrumentais (preocupação com o futuro). Porém, não seria imprudente afirmar que, a julgar pelo conteúdo dos resumos, os trabalhos não parecem trazer avanços significativos no sentido de ampliar ou questionar a literatura sociológica, limitando-se a confirmar seus postulados - em relação, por exemplo, à tese do “mito da omissão parental” conforme proposta por Lahire (1997) ou à ideia de consonância/dissonância entre família e escola, explorada notadamente por Thin (2006) e muito presente nos resumos.

Outro agrupamento que também conta com 11 trabalhos é o que focaliza as interações mais diretas entre família e escola: as formas de participação da família na escola, os contatos entre as duas instituições, os processos de aproximação e de parceria. Novamente, há uma grande preponderância de estudos com famílias populares (pelo menos 8 em 11). A tônica que se observa, aqui, é a constatação de um **discurso** de parceria que coexiste com **tensões reais** na relação entre as duas instituições. Os resumos também parecem indicar, da parte dos autores dos trabalhos, uma responsabilização da escola pela interação insuficiente e/ou insatisfatória com as famílias. A quase completa ausência, pelo menos nos resumos, de discussões críticas sobre os limites e paradoxos da interação da família com a instituição escolar leva-nos a indagar se não estaria havendo, no campo, certa tendência a idealizar as famílias e sua disposição para envolver-se com a escolaridade dos filhos.

O último agrupamento em termos numéricos, contando com apenas 7 trabalhos, é o que reúne estudos sobre os efeitos, na relação das famílias com a escola, de políticas públicas e/ou ações institucionais dos sistemas de ensino. Encontram-se nesse grupo, por exemplo, estudos que investigam os impactos, sobre as famílias, da implantação do ensino fundamental de nove anos, ou os efeitos da Reorganização da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, iniciada em 1995. A quase totalidade desses estudos (pelo menos 6 em 7) focaliza as camadas populares e, embora pequeno, o conjunto de trabalhos é bastante diversificado, dificultando a análise a partir dos resumos. Tal análise faz crer, porém, que se trata de estudos com potencial de interface entre a sociologia da relação família-escola e a sociologia da família, especialmente ao trazer à luz os impactos das políticas e ações educacionais sobre diferentes esferas da vida familiar. Embora ainda bastante embrionária, uma questão se coloca para a continuidade da reflexão sobre esse último agrupamento: por se tratar de estudos que

focalizam problemáticas muito específicas, não teriam eles um potencial maior de se descolar daquilo que está despontando em nossas análises preliminares, a saber, uma certa influência estereotipada da literatura sociológica estrangeira sobre a produção científica brasileira no campo das relações família-escola?

Considerações finais

A realização deste estado do conhecimento permitiu, por um lado, detectar algumas tendências mais gerais da produção científica sobre a relação família-escola e, por outro lado, esboçar algumas análises sobre o modo como vem sendo construído o conhecimento no campo da sociologia das relações família-escola no Brasil.

No primeiro caso, cabe observar, inicialmente, que certas tendências identificadas nessa produção são comuns a diferentes áreas do conhecimento, tais como a concentração na região sudeste do país, a predominância de dissertações de mestrado sobre teses de doutorado, o aumento progressivo da produção nas últimas décadas, etc. Todas essas tendências podem ser relacionadas ao próprio desenvolvimento dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Outras tendências, no entanto, parecem específicas da temática. Talvez as mais importantes dentre elas, do ponto de vista da caracterização do teor da produção científica na sociologia da educação, sejam a predominância das abordagens qualitativas (e de estudos em pequena escala) e do foco no ensino fundamental, na escola pública e nas famílias de meios populares. Também se destaca a nítida influência do pensamento sociológico francês, sobretudo dos trabalhos de P. Bourdieu e B. Lahire. Cabe observar que, em seus levantamentos de estudos sobre a relação família-escola, Almeida (2010), Rocha e Santos (2010) e Dias (2009) também identificam o predomínio de abordagens qualitativas; Almeida (2010) verifica a preponderância de pesquisas realizadas no 1º ciclo do ensino fundamental, enquanto Rocha e Santos (2010) constata a prevalência de estudos em escolas públicas e apontam P. Bourdieu como principal referência teórica.

Cumprido, porém, ressaltar que as possibilidades de comparação desses levantamentos com nossos resultados não vão muito além disso, em particular, no que se refere aos conhecimentos construídos sobre a relação família-escola, em virtude,

sobretudo, das divergências relativas à concepção adotada de relação família-escola e à perspectiva teórica utilizada para formular as categorizações e proceder às análises³.

Com relação ao modo como vem sendo construído o conhecimento no campo da sociologia das relações família-escola no Brasil, cabe ressaltar, inicialmente, que a qualidade do material empírico utilizado até o momento neste estudo – isto é, os resumos das dissertações e teses – impõe limitações para as análises. Diversos trabalhos têm apontado que os resumos constantes dos bancos de teses são, frequentemente, incompletos e por vezes obscuros (MARTINS e SILVA, 2011; DIAS, 2009; FERREIRA, 2002), o que também constatamos. Ainda assim, algumas características se destacaram, permitindo que formulemos hipóteses que deverão ser confirmadas a partir da leitura de trabalhos completos.

Nesse sentido, conforme já analisamos em relação a alguns dos agrupamentos de trabalhos acima examinados, o traço mais geral e marcante desse corpus consistiu em seu reduzido distanciamento da literatura sociológica na qual se baseia, o que traz o risco de, ao invés de elucidar a realidade social, moldá-la de acordo com matrizes teóricas previamente elaboradas. Isso nos leva, por exemplo, a interrogar se “mito da omissão parental”, “consonância e dissonância entre socialização familiar e escolar”, não estariam sendo tomados mais como clichês do que como verdadeiras ferramentas conceituais capazes de alargar as fronteiras do conhecimento. Também nos faz indagar, a exemplo de Santos e Rocha (2010), se a real diversidade existente entre famílias e entre escolas está devidamente representada nos estudos, ou se, ao contrário, parte importante dos trabalhos não acabaria por incorrer em estereótipos baseados nos modelos teóricos adotados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. (2010). Relação família-escola como objeto de estudo nos trabalhos acadêmicos brasileiros: 1987/2008. *Anais do XV ENDIPE - Encontro nacional de Didática de Ensino*. Belo Horizonte.

BERNSTEIN, B. (1996). *A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle*. Petrópolis: Vozes.

³ Além disso, cabe ressaltar que os *corpus* analisados nesses trabalhos são diversos (teses e dissertações, anais de eventos); os períodos focalizados também não coincidem, variando entre 1980 e 2011; as áreas de origem dos trabalhos componentes dos *corpus* também divergem (Psicologia, Sociologia, Educação).

- BOURDIEU, P. (2001). *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, P. (2003). *Escritos de educação*. Org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.
- DIAS, Andréa Theodoro Toci. Pesquisando a relação família-escola: o que revelam as teses e dissertações dos programas de pós-graduação brasileiros. 2009. 219 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009.
- FERREIRA, N. S. A. (2002). As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272.
- FORQUIN, J.C., (org). (1995). *Sociologia da Educação – dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes.
- HENRIOT-VAN ZANTEN, A., MIGEOT-ALVARADO, J. (1995). École, famille, classe sociale. *L'Année Sociologique*, 45, 1: 182-191.
- LAHIRE, B. (1997). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática.
- LAREAU, A. (1987). Social Class Differences in Family-School Relationships: The Importance of Cultural Capital. *Sociology of Education*, 60, April: 73-85.
- MARTINS, A. M.; SILVA, V. G. (2011). Estado da Arte: gestão, autonomia da escola e órgãos colegiados (2000/2008). *Cadernos de Pesquisa*, v. 41, p. 228-245.
- NOGUEIRA, M. A., ROMANELLI, G., ZAGO, N. (orgs.) (2000). *Família & Escola - trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes.
- ROMANELLI, G., NOGUEIRA, M.A., ZAGO, N. (orgs.) (2013). *Família & Escola – novas perspectivas de análise*. Petrópolis: Vozes.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. (2006). As pesquisas denominadas do tipo 'Estado-da-arte' em educação. *Diálogo educacional*, 6 (19), p. 37-50.
- SANTOS, T. C.; ROCHA, M. S. P. M. L. (2010). O “estado da arte” nas pesquisas sobre as relações família-escola: anais da Anped e Endipe. *Anais do XV Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas*. Disponível em: https://www.puc-campinas.edu.br/websist/portal/pesquisa/ic/pic2010/resumos/2010910_145254_179013_516_reseu.pdf
- SILVA, P. (2002). Escola e família: tensões e potencialidades de uma relação. In: LIMA, J. A. (Org.). *Pais e professores – um desafio à cooperação*. Porto: ASA, p.97-132.
- TERRAIL, J.P. (1997). La sociologie des interactions famille-école. *Sociétés Contemporaines*, 25: 67-83.

THIN, D. (2006). Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, v. 11, n. 32, p. 211-225.